

O "Carlos Gomes" faria 54 anos amanhã

# Restos do Teatro agora enfeitam a cidade

O mármore branco das escadarias acabaram no depósito da Prefeitura (e depois ninguém mais viu); as cortinas de veludo francês, pararam no Centro Kennedy; as cadeiras que se espalhavam nos 1.483 lugares do teatro ficaram para as escolas municipais; as portas de vidro tiveram como destino a igreja do padre Jordano; as arandelas e o lustre de 15 metros, em cristal da boêmia, fazem parte agora do salão nobre da Escola Preparatória de Cadetes; as duas estátuas internas foram para o Bosque dos Jequitibás e restos da parte externa decoram, hoje, um luxuoso prédio na Avenida Júlio de Mesquita. É o Teatro Municipal "Carlos Gomes" dividindo-se em toda a cidade, nos seus restos. Nesta segunda-feira se ainda estivessem no local, o teatro faria 54 anos. Para muitos, considerado um "assassinato", a sua destruição ainda traz lembranças. De Bidu Sayão, que o inaugurou com a ópera "Il Guarany" e um programa lírico posterior, até seu último espetáculo, os 35 anos de existência do teatro deram à cidade uma realidade que "os seus restos" espalhados ainda denotam num espaço destruído há 20 anos.

## De teatro para estacionamento

Em 1886, Sara Bernhardt - artista lírica - definia o Teatro São Carlos - então existente - como uma "estrebria". Era preciso, portando, dar a Campinas uma nova obra. Um novo espaço cultural. A iniciativa, porém, só seria efetivamente levada à realidade em 1921. No dia 4 de julho a Câmara Municipal recebia uma indicação, subscrita por nove nomes ilustres da cidade, pedindo a construção de outro teatro, em condições de realmente representar as artes locais. A Lei 272, de 5 de setembro de 21, dava 700 mil réis para o início das obras e o aval do então prefeito Raphael Duarte.

O local escolhido foi o lugar do antigo Teatro São Carlos, na praça Rui Barbosa, atrás da Catedral. Era o fim dos 72 anos de funcionamento da velha casa de espetáculos e o início das obras para o novo prédio, que mais tarde se chamaria "Carlos Gomes". A pedra fundamental foi lançada no dia 7 de setembro de 1922 e as obras continuaram nas gestões do prefeitos Miguel Pentado e Orozimbo Maia, que iria inaugurar o prédio. No dia 10 de setembro de 1930, portanto oito anos depois, o Teatro Municipal recebe a soprano-ligeiro Bidu Sayão para a abertura das portas ao público.

A construção - orçada em um milhão e setecentos mil contos de réis - tinha 1.483 lugares (a platéia era onde estava o maior número de cadeiras - 483) e cinco pavimentos: o primeiro era o porão; o segundo, a platéia e as frisas; o terceiro, os camarotes e os foyers; o quarto, o balcão e o quinto, as galerias, com 351 lugares. O vice-governador do Estado, Heitor Penteado, prestigiou a inauguração que a companhia de ópera de Bidu Sayão mostrou.

"Il Guarany", "O Barbeiro de Sevilha" e "Rigolotto" se misturaram nos primeiros dias para as bilheterias, na Rua Costa Aguiar, mostrarem que o público campineiro prestigiava a boa música. Nos anúncios dos jornais da época, explicitava-se que não era necessário usar traje a rigor nos espetáculos. Na Casa Mascote acontecia a venda antecipada de ingressos. "Na inauguração, a noite esteve linda, todos de longo e casacas. Uma noite de grande pompa. Estava tudo rebrilhando, pois cada frisa tinha um cortinado de veludo francês com ouro velho em purpura. Nas mesmas frisas via-se desenhos de pierrôs e colombinas.

Era um veludo castanho, francês, com uma beleza que o Rui Novaes, depois, destruiu". Maria José Moraes Pupo Nogueira, que durante 16 anos foi assessora do teatro e a sua última diretora, é quem relembra o fato.

## Um palco de estrelas

No seu palco de 13,50 metros por 10 metros de boca, correspondendo a 19 metros de largura por 14 metros de profundidade e 22 metros de largura, passaram, nos 35 anos de existência do teatro, vários nomes conhecidos: Tito Schipa, Carmem Miranda, Vassourinha, Guiomar Novaes, Magdalena Tagliaferró, Alexandre Ballowski, "Etoiles de l'opéra de Paris", Orquestra de Câmara de Munique, Grande Otello, Sérgio Cardoso e até Jorge Amado, acompanhado ao violão por Dorival Caymi. "Nesse espetáculo só estavam presentes 30 pessoas - lembra a ex-diretora -, mas mesmo assim os dois fizeram uma apresentação maravilhosa. Jorge Amado, então em início de carreira, declamava e falava suas histórias, com Dorival Caymi e acompanhá-lo".

E foi entre essas histórias de grandes nomes que o Teatro Municipal "Carlos Gomes" foi-se desenvolvendo. Entretanto, num dia, tudo acabou. Para Maria José Moraes Pupo Nogueira, "tudo aquilo sendo reduzido a ferros e pó trouxe uma enorme frustração. Aquilo ia caindo a picaretas, parecia e doía como se fosse a minha casa. Foi assassinato. O teatro tinha alma, era uma coisa linda. Até hoje não entendi porque aquilo aconteceu. Mas como todos os prefeitos são, na sua maioria, ignorantes, pode-se compreender o desprezo às artes. Mas Campinas nunca terá um teatro igual".

Já o seu administrador na época, Luiz Langoni, lembrava numa reportagem a destruição do Teatro Municipal: "Nunca na minha vida aconteceu de eu sair do teatro. Então, numa segunda-feira, ganhei um convite para assistir a um circo. Quando, lá pela meia-noite voltei, a "minha casa" estava cercada de cordas, cavaletes, bombeiros, tudo de prontidão. Não me deixaram sequer entrar. Então eu telefonei para o secretário de Obras, doutor Carvalhaes, e ele disse para eu dormir num hotel. O teatro começou a ir para o chão e nunca mais ninguém pôde entrar lá".

O prefeito da época, Ruy Hellmeister Novaes, destruiu o prédio para colocar em seu lugar um estacionamento. Uma comissão de engenheiros definia a demolição como uma forma de evitar possíveis riscos à população, pois a sua estrutura estaria prejudicada. Entretanto, um parecer do IPT de São Paulo (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) confirmava que a construção poderia ser reestruturada. Até a ex-diretora defende essa tese: "Na parte do palco do fundo havia uma parede arredondada. Por essa parede uns canos d'água. Devido a uma infiltração, quando um dos canos partiu, houve uma rachadura. Mas não era isso que fazia o prédio cair. Tinha solução. Era apenas querer se consertar".

No dia 15 de dezembro de 1965, a edição do Diário do Povo trazia uma pequena foto das ruínas do teatro, já completamente demolido e um texto-legenda curto: "Chegou ao fim o último ato da demolição do Teatro Municipal "Carlos Gomes". Quem passar pelo local apenas na lembrança terá o sóbrio prédio que, por 35 anos, teve participação ativa em favor da cultura de nosso povo. Hoje só resta o chão e, sobre ele, escombros de uma demolição que durou alguns meses. "O que o homem construiu, o homem destruiu". Era o começo da retirada de velhos sonhos e a "distribuição" dos eus despojos.

## E os vitrais de cristal?

"Gostaria de saber para onde foram, por exemplo, os dois vitrais de cristal da França que ficavam nas laterais. Assim como queria saber o destino de tantas outras coisas. Tudo era bem tratado. O lustre era rotina, sempre descia para a limpeza a cada mês. "A afirmação de Maria José Moraes Pupo Nogueira era o dia-a-dia dos depósitos da Prefeitura. Foi de lá, nos muitos lugares onde foram removidas pela demolição partes do Teatro Municipal, que saíram várias peças. Quando não, como o caso do arquiteto e urbanista Renato Righetto, teve-se o cuidado de retirar partes externas como uma técnica apurada, para manter, ao menos, "resquícios" históricos.

Entretanto, a história, ao que parece, não faz parte de realidade nacional. No próximo ano o teatro faria 55 anos de existência, numa Campinas onde ainda faltam locais apropriados para mostras artísticas. De concertos musicais, óperas e cantores populares e peças, a realidade mostra agora um espaço de compras e vendas. E a demolição aconteceu quando se iniciavam as pesquisas para a recuperação do teatro. Porém, hoje, o Teatro Municipal ainda está vivo em peças espalhadas por toda a cidade, embelezando-a. Das lembranças do passado, num momento em que se tenta reestruturar a política de cultura da cidade e do país, contudo, ficaram as ilusões que um estacionamento - em lugar da arte - levou. Além, é claro, dos muitos "teatros" que cada pequeno pedaço do teatro criou.



Partes do Teatro Municipal, levado ao fim 20 anos atrás, podem ser vistas na cidade. Outras, valiosas, não sabe onde foram parar.